

HISTÓRICO DA PALAVRA SERTÃO EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*, DE GUIMARÃES ROSA

Telma Borges da Silva (UNIMONTES)

t2lm1b3rg2s@yahoo.com

O sertão, não só em *Grande Sertão: Veredas*, mas na maioria das obras Guimarães Rosa, é uma constante; e isso não diz respeito apenas à forma como é apresentado, mas à frequência e aos modos como comparece. Desde o mais remoto registro sobre o Brasil, o sertão aparece sob a pena de vários pesquisadores e escritores; é o caso dos registros de viagens de exploradores da grande colônia Brasil, assim como evidencia Willi Bolle em *grandesertao.br*. Spix e Martius exploraram a região entre Januária e Goiás em 1818. Janaína Amado defende a importância do sertão, apontando sua existência nos relatos de curiosos, cronistas e viajantes que por ali passavam. Desde a carta de Pero Vaz de Caminha, passando pelo *Tratado de Terras do Brasil* e *Tratado Descritivo do Brasil* a palavra “sertão” aparece como termo que exprimia para a colônia uma ideia das terras encontradas e da necessidade de ser povoada em função de suas riquezas naturais. No século XVII aparecem as primeiras tentativas de elaboração de uma história do Brasil, como a realizada por frei Vicente do Salvador. Daí para frente muitos são os relatos históricos e textos literários que tentam elaborar uma categoria de sertão por oposição ao litoral, espaço privilegiado pela ocupação do colonizador. No século XX há dois casos emblemáticos na literatura brasileira: Euclides da Cunha com *Os Sertões* (1902) e Guimarães Rosa, com *Grande Sertão: Veredas* (1956) que, numa releitura crítico-criativa de seu predecessor, insere o sertão no debate histórico da formação de um “Brasil profundo”. Levando em conta o termo em suas múltiplas dimensões conceituais, nosso objetivo é problematizar a categoria de sertão no romance rosiano a partir das miríades significativas que assume no decorrer do relato.